

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

28 Mai 2016
18:00 Sala Suggia

—
ANO RÚSSIA

Olari Elts *direcção musical*

Concerto dedicado ao Círculo Dr. José de Figueiredo
Amigos do Museu Nacional de Soares dos Reis

Erkki-Sven Tüür

Le poids des vies non vécues (2014; c.8min.; estreia nacional)

Dmitri Chostakovitch

Sinfonia n.º 7 em Dó maior, op. 60, "Leninegrado" (1942; c.75min.)

1. *Allegretto*
2. *Moderato (poco allegretto)*
3. *Adagio* –
4. *Allegro non troppo*

Cibermúsica; 17:15

Palestra pré-concerto por **Rui Pereira**



casa da música



Rui Pedro Pereira sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/168052793>



CÍRCULO
DR. JOSÉ
FIGUEIREDO
AV. GÓDOLFO DE OLIVEIRA
1000-030 LISBOA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Erkki-Sven Tüür

16 OUTUBRO 1959, KÄRDLA (ESTÓNIA)

Erkki-Sven Tüür iniciou a carreira profissional em música em meados da década de 1970. Liderou o grupo In Spe, uma banda de rock progressivo, desde 1979. As influências mais nítidas eram as de King Crimson, Yes, Genesis, Frank Zappa e Emerson Lake & Palmer. Quando se voltou para a chamada música erudita, juntou a esta experiência uma corrente pós-moderna que se reflecte na junção de estilos tão distintos como o minimalismo, o canto gregoriano, microtonalidade, serialismo e técnicas de electrónica. Extremamente ecléctico, é igualmente muito profícuo. Com um catálogo onde se destacam obras para grande orquestra, nomeadamente oito sinfonias, ópera e nove concertos instrumentais, Erkki-Sven Tüür escreve também para vozes e teve no maestro Paul Hiller, fundador do Hilliard Ensemble e do Coro Casa da Música, um dos grandes divulgadores internacionais da sua música.

Les poids des vies non vécues (O peso das vidas não vividas), apresentada neste concerto em estreia nacional, data de 2014 e resultou de uma encomenda da Orquestra Nacional da Bélgica e do Palácio de Belas-Artes de Bruxelas (BOZAR), no âmbito das celebrações do centenário da Primeira Grande Guerra. Foi estreada no BOZAR, uma das salas pertencentes à ECHO (European Concert Hall Organization), sob a direcção do maestro Arvo Volmer, no dia 6 de Fevereiro de 2015. Com uma duração inferior a dez minutos, a peça está instrumentada para 3 flautas, 3 oboés, 3 clarinetes e clarinete baixo, 3 fagotes e contrafagote, 3 trompetes, 4 trompas, 3 trombones, tuba, 3 percussionistas e cordas.

A peça tem início com um efeito de sonoridade no registo grave dos metais (trombones e tuba) e percussão. O primeiro sinal de uma melodia surge com os violoncelos sobre uma nota pedal grave dos contrabaixos. É um lamento, pontuado por um cerimonial toque de sino, que lentamente vai ser expandido por outras vozes. Este aumento gradual da textura contribui para a construção de uma paisagem sonora, densa, bela e simultaneamente triste, mais do que para um tratamento polifónico do tema inicial. Alguns efeitos sonoros, como os *glissandi* descendentes nos trombones, remetem-nos para as figuras de retórica do Barroco, a ideia de choro ou lamento. Uma breve secção com figurações mais rápidas em efeitos de eco nas madeiras introduz um segundo motivo que vai ser desenvolvido, como gritos, em movimentos quer ascendentes, quer descendentes. A orquestra adopta depois um tom mais declamativo, com figuras rítmicas muito precisas e claras. Um crescendo de dinâmica e textura, a par de ritmos mais enérgicos, vai conduzir a um clímax dramático que as cordas vão encerrar, insistindo numa melodia triste e nostálgica. A peça termina com uma brevíssima coda por eliminação dos elementos que a constituíram, regressando à paisagem sonora rarefeita a que um derradeiro sopro de ar põe fim.

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 25 DE SETEMBRO DE 1906

MOSCOVO, 9 DE AGOSTO DE 1975

Entre os anos de 1924 e 1971, Dmitri Chostakovitch compôs 15 sinfonias. Este legado é considerado um dos mais importantes da história da música ocidental do século XX. A Sinfonia n.º 7, chamada “Leninegrado” (São Petersburgo hoje em dia e no tempo em que Chostakovitch nasceu), foi a 60ª obra do seu catálogo. É das mais conhecidas e teve um grande impacto no reconhecimento internacional da sua obra. A esse facto não são alheias as condições em que decorreram a composição e a estreia, bem como as fortes ligações autobiográficas que se estabeleceram entre a origem da obra, os seus temas de inspiração extramusical e os seus possíveis significados. No entanto, é difícil estabelecer com alguma margem confortável de segurança qual a verdade dos factos. Terá sido a composição da sinfonia influenciada pelos factos históricos do terrível Cerco a Leninegrado? Terá sido a música alvo de uma associação posterior no rescaldo dramático destes acontecimentos e nos quais o compositor esteve envolvido?

O Cerco a Leninegrado resultou de uma ofensiva militar liderada pelos exércitos alemão, italiano e finlandês, durante a Segunda Grande Guerra, contra as tropas soviéticas. Teve início a 8 de Setembro de 1941 e apenas terminou a 27 de Janeiro de 1944. As consequências para a cidade foram devastadoras, resultando num total superior a um milhão e meio de vidas perdidas. Os relatos de horror vão desde a falta de água, assassinatos para roubar alimentos, canibalismo, destruição de escolas e hospitais por bombardeamentos aéreos, entre muitos outros.

Não sendo certa a data dos primeiros esboços da 7ª Sinfonia, tudo indica que terá sido no Verão de 1941 que Chostakovitch iniciou os trabalhos na cidade de Leninegrado. A 8 de Setembro foi cortado o último acesso por terra à cidade. A 1 de Outubro, sob ordens do governo soviético, Chostakovitch, a sua mulher e os dois filhos foram evacuados da cidade por transporte aéreo. Duas semanas depois, o compositor foi transferido para Kuibichev (hoje Samara), chegando no dia em que a cidade foi temporariamente declarada capital da União Soviética devido ao avanço das tropas nazis em direcção a Moscovo. Foi em Kuibichev que Chostakovitch concluiu a Sinfonia, a 27 de Dezembro de 1941, e que a mesma foi estreada a 5 de Março de 1942 pela Orquestra do Teatro Bolshoi sob a direcção do seu titular Samuil Samosud. A estreia foi transmitida por rádio para toda a União Soviética, sendo depois transmitida em diferido pelas rádios ocidentais. A partitura foi depois enviada por microfilme para a Europa, tendo recebido uma estreia londrina em Junho de 1942, e para os Estados Unidos, onde teve a estreia nova-iorquina no mês seguinte. Na mesma semana, Chostakovitch foi capa da revista *Time*. Numa operação verdadeiramente heróica, a Orquestra da Rádio de Leninegrado regressou à cidade em Agosto de 1942 para aí apresentar a Sinfonia. A este frenesim e interesse inaudito pela obra, a qual chegou a ser disputada por diferentes orquestras e maestros, não foi alheio o poder simbólico da sinfonia em tempo de guerra.

A Sinfonia tem quatro andamentos e uma duração aproximada de uma hora e um quarto. “Guerra” foi o subtítulo inicial do primeiro andamento, o mais longo de todos. Este *Allegretto*, que tem início com uma melodia em uníssonos nas cordas, aparentemente sem acompanha-

mento, é marcado desde o início por ritmos de uma marcha à qual os tímpanos e os trompetes prestam um ar levemente militar. Este primeiro tema é desenvolvido e contrasta efectivamente com um segundo tema muito mais lírico, em tempo mais lento, apresentado pelos primeiros violinos e acompanhado por um movimento calmo e oscilante das violas e violoncelos. É desenvolvido num registo quase pastoral pelas madeiras, com incursões por compassos ternários, dando depois lugar a uma daquelas melodias cromáticas e muito enigmáticas, tão típicas de Chostakovitch, nos violinos. Até agora estamos perante uma tradicional forma-sonata que sempre inaugura as sinfonias. Uma melodia nostálgica na flauta *piccolo* parece prosseguir para o desenvolvimento, mas eis que surge uma surpresa no desenrolar dramático: o rufar de um tambor apresenta-se a solo. Sobre a sua presença constante, um efeito a lembrar o *Bolero* de Ravel, as cordas apresentam o tema de uma marcha. O seu carácter não é triste nem alegre. Talvez ligeiro e despreocupado. Sempre com o rufar da caixa segue-se o tema no *piccolo*, na flauta e *piccolo*, num original diálogo entre o oboé e o fagote, nos trompetes apoiados numa secção rítmica do piano, nos clarinetes que conversam com o oboé e o corne inglês. Agora apetece dançar a marcha. A música prossegue para um *crescendo* com a adição de mais instrumentos e a presença mais nítida do piano. O tema parece ganhar um optimismo triunfante com esta acumulação de instrumentos. Chostakovitch afirmou que este tema representava a invasão, a interrupção das tranquilas e pacíficas vidas que os habitantes de Leninegrado levavam. O invasor torna-se progressivamente ameaçador. Sempre com a repetição da mesma melodia, a música ganha coloridos variados com esta orquestração fantástica. Este tema, chamado

“de guerra”, foi considerado uma representação genial do invasor e mais tarde, por incrível que pareça, veio a levantar problemas ao compositor, acusado de representar melhor o inimigo do que as próprias tropas soviéticas.

O segundo andamento, indicado *Moderato (poco allegretto)*, é uma espécie de Scherzo. É o mais curto da sinfonia. Tem início com mais uma melodia simples, quase sem acompanhamento. O seu percurso parece indeciso, o que é também muito típico de Chostakovitch. O seu subtítulo é “Recordações”. O ambiente nostálgico dos diferentes solos, muito em particular do oboé sobre um ostinato rítmico, marca o início. O humor sarcástico de Chostakovitch faz-se notar numa secção mais rápida, quase circense, com a entrada em jogo dos clarinetes. Os metais e as percussões vão contribuir para um ambiente fantástico e festivo.

O *Adagio* seguinte parece ter início num grande órgão de uma catedral. Após um coral dos metais, os violinos fazem uma secção em estilo declamatório, seguindo-se, depois, o coral em registo de órgão mas de forma ainda mais grandiosa. O compositor afirmou querer prestar homenagem às paisagens amplas e grandiosas de Leninegrado ao anoitecer. A música progride com um belo solo da flauta. Um episódio mais rápido, a fazer lembrar a música que Prokofieff escreveu para *Romeu e Julieta*, marca a parte central e mais agitada à qual Chostakovitch vai acrescentar o tema inicial numa técnica de sobreposição. O andamento termina num registo de elegia fúnebre.

Sem qualquer interrupção passamos para o último andamento, um *Allegro non troppo* a que Chostakovitch chamou *Vitória final*. O início é novamente marcado por uma melodia nos violinos sobre um acorde muito sereno nos baixos. Os tímpanos estão discretamente presentes, marcando uma agitação. Apesar do tempo

lento, este é um início inquieto. Cedo se atinge um clima tumultuoso. O ritmo é imparável e as fanfarras de metais dão-lhe um ar vitorioso. Uma interrupção dramática para uma secção lenta e sombria leva-nos a pensar naqueles que perderam a vida. A chamada poética da nostalgia, que se associa à escrita do compositor, tem aqui um dos seus melhores momentos. A sinfonia tem de encerrar obrigatoriamente num registo vitorioso. Todas as forças orquestrais se reúnem num final majestoso.

RUI PEREIRA, 2016

Olari Elts direção musical

Olari Elts conquistou grande respeito no panorama musical internacional graças ao seu estilo de programação singular e imaginativo. Trabalha regularmente com agrupamentos como a Orquestra e Coro da Accademia di Santa Cecilia em Roma, Sinfónica de Viena, Sinfónica da Cidade de Birmingham, Orquestra Nacional de Gales da BBC, Sinfónica NDR de Hamburgo, Sinfónica da Rádio SWR de Estugarda, Staatskapelle Weimar, Sinfónica Nacional Dinamarquesa, Filarmónica da Rádio Holandesa, Orquestra Nacional de Lyon, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica Yomiuri Nippon, Filarmónica da Malásia e Sinfónica de Melbourne.

Em 2015/16, Olari Elts estreia-se com a Sinfónica Nacional da RAI de Turim, Sinfónica Nacional Húngara de Budapeste e Filarmónica de Brno, com a qual interpreta o concerto para percussão *Magma* de E. S. Tüür com Colin Currie. Regressa à Sinfónica da Cidade de Birmingham, Sinfónica da Rádio Finlandesa, Orquestra Nacional de Lyon, Sinfónica do Porto Casa da Música, Filarmónica da Eslovénia e Sinfónica Nacional da Estónia. Noutros continentes, apresenta-se com as Sinfónicas de Seattle e Yomiuri Nippon.

Olari Elts é também reconhecido pelo seu trabalho com agrupamentos de câmara. Nesta temporada, apresenta-se com a Tapiola Sinfonietta; Orquestra de Câmara de Munique junto do Coro da Rádio da Baviera, num programa dedicado a compositores bálticos; e Orquestra de Câmara Escocesa num programa centrado no “destino” que inclui *The Testament* de Brett Dean e a 5ª Sinfonia de Beethoven. Colabora com solistas como Jean-Efflam Bavouzet, Olli Mustonen, Jean-Yves Thibaudet, Simon

Trpčeski, Stephen Hough, Isabelle Faust, Baiba Skride, Gautier e Renaud Capuçon, Sol Gabetta, Alban Gerhardt, Kari Kriikku, Martin Grubinger, Sally Matthews e Lilli Paasikivi.

No domínio da ópera, dirigiu com sucesso uma nova produção de *Eugene Onegin* para a Arctic Opera, com uma digressão pela Noruega em Fevereiro de 2015. Dirigiu várias produções na Ópera Nacional da Estónia, incluindo *Albert Herring* de Britten, *Il Trittico* de Puccini, bem como *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart com as Orquestras Sinfónicas Nacionais da Estónia e da Letónia. Em 2010, dirigiu *La Damnation du Faust* de Berlioz na Ópera de Rennes.

Olari Elts mantém-se como Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Entre os cargos que ocupou anteriormente, incluem-se os de Maestro Convidado Principal da Orquestra Filarmónica de Helsínquia (2011-2014), da Orquestra da Bretanha (2006-2011) e da Orquestra de Câmara da Escócia (2007-2010); e Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia (2001-2006).

Olari Elts nasceu em Tallinn, em 1971. É fundador do agrupamento de música contemporânea NYYD Ensemble.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Reinbert de Leeuw, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid,

Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
José Despujols
Andras Burai
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Pedro Carvalho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Paul Almond
Pedro Rocha
Vítor Teixeira
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Flávia Marques*
Clara Badia Campos*

Viola

Cécile Berry*
Joana Pereira
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Mateusz Stasto
Hazel Veitch

Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Emília Alves

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso
Américo Martins*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Jean Marc Faucher
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Pedro Miguel Silva

Trompa

José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro
Bruno Rafael*
Daniel Canas*
Adrian Lavia*
Telma Gomes*

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Carlos Leite*
Ivan Crespo
José Almeida*
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins
Emanuel Rocha**
Pedro Silva**
Joaquim Rocha**

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*
Marcelo Pinho*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Piano

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

**estagiários Escola Superior de Música, Artes e
Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBAL SHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENIGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO DO MAESTRO TITULAR DO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSENKRUPP



casa da música

MECENAS
PROGRAMAS DE SALA

mas
OSVALDO NEVES/ARQUITECTURA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

OSMAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**